

R. Botelho P

ta conexão dia a dia praticada pelo sistema doméstico, com
não deve saber participar na violência das sociedades.

De entre os homens que lutam pelo povo ou pela classe
formação da sociedade, há os que escolhem a violência neces-
sária e os que decidem não utilizar os meios não violentos.

O que é importante é que um e o outro possam estar
delimitando o povo. De uma parte o povo, a partir de um apelo
é uma promessa e apelo a que a violência nunca seja vista
como um fim em si mesmo e a promessa de que no sociedade de
futuro a violência será desnecessária. Depende de nós con-
tribuir para sociedade em que o homem não seja mais explorado
pelo homem.

SOLIDARIEDADE

José de Jesus de Almeida recusou a guerra. Em Portu-
gal o povo não pode continuar a ser obrigado a fazer a guerra.

Reforçamos a nossa solidariedade para com José de
Jesus de Almeida.

Reclamamos o direito à objeção de consciência.

Conquistamos o direito a recusar a guerra!

UM CASO DE RECUSA DA GUERRA

José de Jesus de Almeida está chamado para o serviço
militar devendo apresentar-se no quartel no dia 3 de Setembro
de 1971. Cerca de um mês antes, a 1 de Setembro, escreveu uma
carta ao Ministro da Defesa, comunicando-lhe a sua decisão:
"Recusar-me ao cumprimento do serviço militar obrigatório como
voluntário para qualquer outro serviço militar não militar".

Fundamenta esta decisão em motivos essencialmente re-
ligiosos, apela para o Evangelho e para a doutrina da Igreja
Católica. Declara que lhe seja reconhecido o direito a não
pegar em armas, ou seja, o direito à "objeção de consciência".

Passou depois, o Chefe de Gabinete do Ministro da De-
fesa transmitir-lhe a resposta na seguinte: "na sua atitude,
está considerado como desertor".

A 12 de Setembro, José escreveu de novo ao Ministro
insistindo na posição que assume e reafirmando que o seu
caso não é o de um refratário mas o de um objectivo de consci-
ência.

No mesmo dia, enviou uma carta ao Patriarca de Lis-
boa "Neste é consciência do sr. Patrício os esforços e
desempenho para que em Portugal seja reconhecido o direito à
objeção de consciência como lhe incumbe enquanto responsável
da aplicação em Portugal dos ensinamentos do Cristo e da dou-
trina expressa da Igreja". Em termos semelhantes enviou ao
Papa em 18 de Setembro.



QUEM É JEJÉ DE JESUS DE BRASÍLIA

Tem 27 anos e vive em Lisboa. Em 19 aos 18 anos serviu no Exército de Portugal. Atualmente prepara-se em particular a conclusão do 2º ano de liceu. Para 3 de Outubro está marcada a sua incorporação no Curso de Sargentos Militares.

OS PORTUGUESES QUE RECUSAM A GUERRA

Segundo uma estimativa autorizada, mais de 20.000 jovens portugueses estão excluídos por terem recusado a tropa na situação de guerra. De entre estes, cerca de 10.000 são desertores, dado que saíram já depois de terem começado o serviço militar.

Calculamos que nestes últimos anos, um terço dos portugueses chamados para o exército tiveram de escolher o exílio — e não sabem quando poderão regressar ao seu país.

A LUTA E A RECUSAÇÃO DE CONSCIÊNCIA

Le para a tropa e fazer a guerra ou partir para o exílio é o serviço dilema dos jovens. A objecção de consciência é pedir os terceiros caminhos desde ficar, recusando formalmente o serviço militar.

A recusa da objecção de consciência exige uma grande coragem, pois aquilo que a pratica é severamente reprimido em sociedades como a nossa onde se temer na cabeça muitas vezes da sua vida.

Efectivamente, em contrário das restantes nações civilizadas, Portugal, Espanha e Itália são governados por regimes militarizados e poder eclesíaco e político está apoiado no exército: o governo não pode permitir que se conteste o serviço militar. Tal que muitos não países o objectivo da recusação de consciência é tratado como um crime. Mas os outros

países têm um estatuto próprio para quem recusa a tropa por dos igualmente substituído por um serviço civil durante os tempos e determinados anos.

OS CRISTÃOS E A RECUSAÇÃO DE CONSCIÊNCIA

Desde sempre a doutrina cristã defendeu que a consciência pessoal está acima das leis: todo o homem tem o direito e mesmo o dever de desobedecer a uma lei que, na sua consciência, julga ser injusta. Ninguém pode violar a consciência humana.

Assim, em todos os tempos houve cristãos que rejeitaram o serviço militar como contrário à sua consciência. E muitos não cristãos fizeram o mesmo, por motivos morais, filiofilosóficos ou políticos. Trata-se de um direito individual, de uma liberdade fundamental dos homens.

Inclusive, o Concílio Vaticano II afirmou com toda a clareza: "Porque justo que as leis precedam ao homem criado para o caso de depois ser, por motivo de consciência, recusar obedecer, contesta que existam outra forma de servir à comunidade humana".

É portanto com toda a razão que o Jeju de Jesus de Brásia apela para a doutrina cristã, exigindo que lhe seja reconhecido um direito fundamental.

PACIFISMO E RECUSAÇÃO

Ele afirma-se ainda contrário a toda e qualquer forma de violência. A sua posição é de um pacifista.

O pacifista não é um fraco nem um covarde. Responde, não sendo é um herói.

Mas nos tempos de crises são pacifistas. Se todos estes devem estar prontos a condenar a violência dos poderes

